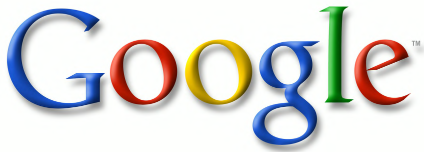
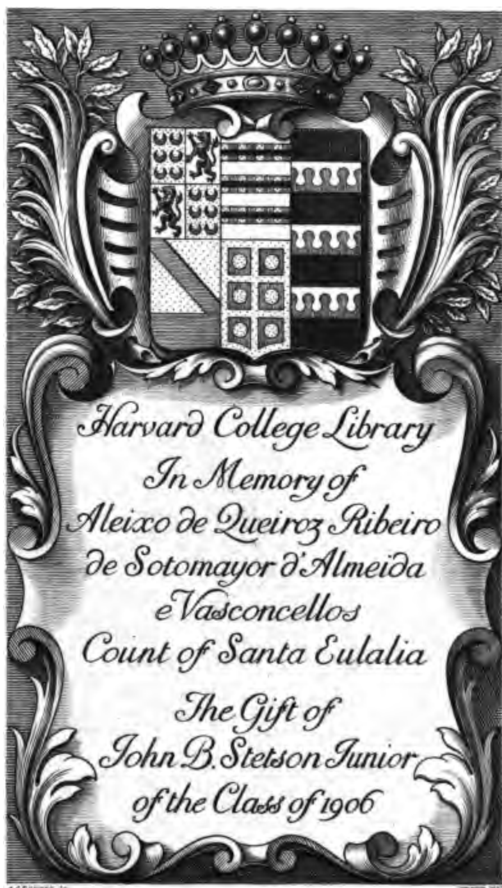

Google


Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

EDIÇÃO FERREIRA DE BRITO

APOTHEOSE

CAMONEANA

POR

Xavier de Carvalho



PORTO

Imprensa Ferreira de Brito

1886

APOTHEOSE
CAMONEANA

POR

XAVIER DE CARVALHO



PORTO
EMPREZA FERREIRA DE BRITO

1885

EDIÇÃO ESPECIAL CAMONEANISTA

N.º [illegible]

A

JOAQUIM DE ARAUJO



APOTHEOSE CAMONEANA

A RENASCENÇA

(a Ramalho Ortigão)

A RENASCENÇA que foi obra toda humana,
Chamando á vida nova a forte raça aryana,
Co'a polvora, a imprensa, a bussola e a alchimia,
A Arte a renascer na lyra dos poetas,
Copernico que traça a orbita aos planetas
E Martinho Luthero affirmando a herezia;

Dante que tudo vê com seu olhar de lynce,
A *Ceia do Senhor* de Leonardo Vinci
E Masaccio que tem *madonas* ideaes,
Colombo e Guttemberg e Magalhães e Gama,
Bacon que ensina a vida e Erasmo que proclama
O rubro alvorecer das sciencias naturaes;

Gallileu que nos prova a rotação da terra
E contra quem a egreja ergueu terrivel guerra,
Aristoteles que, intransigente e altivo
Foi quem traçou as leis novas da evolução,
Cravou golpe profundo, em cheio, á religião
E em bases affirmou o Credo Positivo;

Magalhães que demonstra a terra como esphera,
Giotto que nos pinta a tela mais sincera,
O feudalismo á morte, as communas em lucta,
A alma das nações erguendo-se fremente
E pouco a pouco, a claro, as lendas do Oriente,
Emquanto o santo officio as consciencias enluta;

Bruno que a egreja queima, affirmando a Verdade,
Miguel Angelo que achou os tons da realidade
No *Juizo Final* — a luz das gerações:
Todo esse renascer das Artes e Sciencias
E o rebate febril de todas as consciencias,
Resume-se afinal no livro de Camões.

NOS PAÇOS DA RIBEIRA

(a Manoel Duarte de Almeida)

E Camões recitava! Em frente delle
A Princeza Maria, em fundo pasmo
Escutava vibrante de enthusiasmo
Versos cheios de amor, ciume e fel.

A côrte envolta recolhida e attenta
Ouvia esses sonetos delicados,
Onde a Paixão brilhava violenta
E a alma se partia em mil bocados.

E Camões recitava! Dos seus versos,
Com payzagens e largos ceos diversos,
Evolava-se o aroma da violeta...

E entre o grupo dos pagens e das damas
Sanguineamente como duas chammas,
Dominavam os olhos do poeta.

NATHERCIA

(*a João de Deus*)

Era em seus olhos duma luz magoada
Que elle sentia palpitar a vida,
Nathercia! a virgem branca e dolorida,
A alma da sua alma, a bem-amada!

Era em seus labios de escarlate vivo,
Efflorescentes de caricia e lava,
Que o coração do poeta se abysmava
Como num banho de perfume activo.

Foi assim que elle a amou lyricamente,
Ora em sonetos de paixão fremente
E eclogas cheias de saudade triste;

E assim lhe disse o derradeiro adeus,
Ao vel-a erguer-se aos luminosos cêos:
— *Alma minha gentil que te partiste.*

O EPISODIO DE IGNEZ

(a Ferreira de Brito)

HA não sei que de mystico e suave
Nesse vulto amantissimo de Ignez:
Manhans de abril e symphonias de ave,
O luar calmo e o verde cêo inglez.

Delicada! em instantes de socego
Decorria-lhe a vida em tons dolentes,
Entre arrulhos de amor! sonhos fulgentes!
Nos saudosos campos do Mondego.

Ignez! ninguem melhor descreveria
Como Camões, em ondas de harmonia.
Esse poema de paixão querida,

Em que passaste a efflorescente vida,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas...

O ADAMASTOR

(ao Conde de Sabugosa)

A' FLOR das ondas, tenebrosamente
Entre o rugir dos fortes vendavaes
Olhando os occeanos frente a frente,
Como um monstro das lendas medievaes;

O Adamastor erguia-se inclemente
Invectivando em maldiçõ̃es fataes:
Gama que busca um novo continente
E ri das couzas sobrenaturaes.

Entretanto quem era esse phantasma,
Que ao vêr a frota portugueza pasma
E diz phrases vibrantes de crüeza?

Elle era o Antigo Espirito que absorto
Via o *maravilhoso* extincto e morto,
E o Homem dominando a Natureza.

ILHA DOS AMORES

(*a Fialho de Almeida*)

HA nesses versos ruivos e frementes
Todos feitos de sol e de impureza
A fulva côr nervosa das serpentes
E um vago sonho de gentil duqueza.

Em cada phrase de uma sereia ou deusa
E em cada riso de tritões ardentes:
Descubro ondas de carne omnipotentes
E escuto o grito audaz da Natureza.

Camões! Ha nos teus versos enseivados,
Beijos que ferem, seios inflammados
E a mulher toda nua, exposta ao sol.

E ao lêr essas estrophes côr de lava,
Sinto a minh'alma allucinada e brava,
Entre um incendio enorme de arrebol.

LONGE DA PATRIA

(a Camillo Castello Branco)

Rasgando as ondas cruas, braço a braço
Com mil perigos e crueis tormentos;
Ralado de desgosto e de cançaço
A' chuva! á neve! aos vendavaes! e aos ventos!

Em frente aos soes que estoiram violentos,
Arremessando ondas de luz ao espaço;
Horisontes em braza! céos cinzentos!
— Nada receia aquelle peito d'aço!

E do rio Me-Khong as fundas aguas,
Ouvindo ao longe as soluçantes magoas
D'um povo illustre na historia humana;

A manso e manso, afrouxam a corrente,
Para que elle podesse épicamente
Cantar a gente illustre luzitana!

O JAU

(*a Xavier Pinheiro*)

EMQUANTO o povo, em bando, escalavrado e roto,
Cantava pela rua os psalmos da Agonia
E a nação moribunda era um profundo esgoto,
E a Historia se tornou em trecho d'elegia,

A patria cruelmente arruinada e exangue,
Sem familia, sem lar, sem amigos, sem pão,
No horisonte sómente a lama, o luto e o sangue,
Em toda a parte a raiva e a desesperação;

O luminoso poeta, a alma aventureira,
Que atravessou cantando uma existencia inteira,
A luctar pelo bem e a destruir o mau:

Achou na hora final, em vez de coroa etherea,
Num leito de hospital a enxerga da miseria
E por unico amigo um pobre negro:—o Jau.

OS LUZIADAS

(*a Queiroz Velloso*)

EPOPEIA de luz! os seus versos vermelhos
Como agudos punhaes, rubros ao sol da gloria,
São as Taboas da Lei, os nossos Evangelhos
E o poema triumphal de toda a nossa historia.

Por isso hão-de passar as eras sobre as eras,
Os seculos sem fim num desfillar escuro
E esse livro será a luz das primaveras,
Que nos indicará as praias do futuro.

E num aureo fulgor de chispas diamantinas,
Centos d'annos depois ainda essa epopeia
Em nós acordará a mais vibrante ideia.

E se o povo cahir exhausto entre ruinas,
O' Luziadas! ó Biblia aberta par em par,
Os nossos corações farás resuscitar.

NO TRICENTENARIO DE CAMÕES

(a Theophilo Braga)

Se aqui pod esse vir Camões, nestes instantes,
Da campa onde repousa ha já tresentos annos,
Se aquella rude mão que fulminou tyranos
E sustentou crueis batalhas de gigantes,
Podesse ainda agitar em crispações vibrantes
O velho Portugal de heroicos puritanos;

E visse como o altivo estandarte das quinas
Tremula esfarrapado ao riso do estrangeiro,
As terras de alem-mar vendidas a dinheiro,
A patria toda em lama, em trevas, em ruinas,
As grandes tradicções no fundo das sentinas
E o soluço final d'um povo aventureiro;

Elle, o immortal poeta, e velho combatente,
Sonoro coração cheio de amor e gloria,
Alma toda febril, vastissima, marmorea;
O guerreiro fatal que, erguendo um bravo ardente,
Escreveu co'a espada o livro auri-fulgente
Onde em lettras de luz fulgúra a nossa historia:

Nesse instante talvez, espectro desolado!
Chorando amargamente o seu velho paiz,
E não vendo da gloria o fulgido matiz
Engrinaldar emfim o nosso lar sagrado,
Deixava-se outra vez morrer abandonado
Batido de vergonha, extatico, infeliz!

Mas contra toda essa atroz miseria hodierna,
Vibrae sonoramente! ó almas de leões,
E ergamos todos nós, em nossos corações,
Ao clarão triumphal da religião moderna,
Um sacrario febril de immensa luz eterna,
Em que o Futuro adore o vulto de Camões.



